

MIRAGAIA

ROMANCE POPULAR

PELO A. DE ADOZINDA, BERNAL FRANCEZ,
ETC.

ILLUSTRAÇÕES DOS SRS. BORDALLO E COELHO.

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS

LARGO DO PELOURINHO N.º 24.

MDCCCXLIV.

Quando dei esta bagatela aos Srs. Editores do JORNAL DAS BELAS-ARTES para encherem algum vão que lhes sobrasse naquela tão linda e tão elegante publicação, escrevi, a um canto do próprio rascunho original que não tive paciência de copiar, as seguintes palavras:

«Este romance é uma verdadeira reconstrução de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da história *rezada*, ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do lugar. O conde D. Pedro e os cronistas velhos também fabulam cada um a seu modo. O autor, ou, mais exatamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sobretudo quis ser fiel ao estilo, modos, e tom de cantar e contar dele; sem o quê, é sua íntima persuasão que se não pode restituir a perdida nacionalidade à nossa literatura.»

O *post-scriptum*, servindo de nota ou comento, saiu impresso no primeiro número do referido jornal com os dois primeiros cantares do romance, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisonjeiras dos Srs. Editores, a quem tomara eu auxiliar como eles merecem por sua gentil empresa, que é a mais bela e das mais uteis que se têm cometido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as suas graciosas gravuras em madeira que todos têm admirado, mas o permitirem que fizesse com elas esta pequena edição em separado com que quero brindar alguns amigos apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

É uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO GERAL cujo primeiro volume já está em poder do público; e lá será reposta em tempo e lugar conveniente.

Foi das primeiras coisas deste gênero em que trabalhei; e é a mais antiga reminiscência de poesia popular que me ficou da infância, porque eu abri os olhos à primeira luz da razão nos próprios sítios em que se passam as principais cenas deste romance. Dos cinco aos dez anos de idade vivi com meus pais numa pequena quinta, chamada o «Castello », que tínhamos aquém Doiro, e que se dizia tirar esse nome da vizinhança das ruínas do antigo castelo mourisco que ali jazem perto. Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sítios marcados pela tradição popular. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, — cuja água é deliciosa com efeito; e tenho ideia de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de São Miguel, os toques da buzina de S. M. Leonesa, empoleirado eu, como ele, num resto de muralha velha do castelo d'El-Rei Alboazar: o que meu pai desaprovou com tão significativa energia, que ainda hoje me lembra também.

Assim olho para esta pobre Miragaia como para um brinco meu de criança que me aparecesse agora; e quero-lhe — que

mal há nisso? — quero-lhe como a tal. Não a julguem também por mais, que o não vale.

Lisboa 24 de Janeiro 1844.

MIRAGAIA

I



Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrelas de oiro
Quem n'as poderá contar!

Como as folhinhas do bosque,
Como as areias do mar...
Em tantas letras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
Nessas letras decifrar!
Que a ler no livro de Deus
Nem anjo pode atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de ele a roubar:

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia afirmar
Que Zahara, a flor da beleza,
Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada
Dalém do Doiro passar,
E furtou a linda moira,
A irmã de Alboazar.

A Melhor, que é terra sua
E está à beira do mar,
Se acolheu com sua dama,
Nem de mais sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
Não se pode consolar:
Deixá-la por uma moira
Deixá-la com tal desar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar,
Sozinha no seu balcão
Assim se estava a queixar:

— «Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

«Diz que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar...
Mas tu dizias-me dantes
Que eu era bela sem par.

«Que é moça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Há três que tinha vinte anos,
Fi-los depois de casar.

«Diz que tem os olhos pretos.
Destes que sabem mandar...
Os meus são azuis, coitados!
Não sabem senão chorar.

«Zahara, que é flor, lhe chamam
A mim, Gaia... Que acertar!

Eu fiquei sem alegria,
A flor quem lha há-de voltar?

«Oh! quem pudera ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fora já direita
A esse moiro Alboazar...»

Palavras não eram ditas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palácio viu estar.

— «Peronella, Peronella,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aqueles
Que por ali vejo andar?»

Peronella não responde:
Que havia de ela falar?
Ricas peitas de oiro e joias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavaleiros
A foram logo cercar;

Soltam pregas de um turbante,
A boca lhe vão tapar;
Três a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa,
Nenhum veio a seu chamar;
Ou peitados ou cativos
Não n'a podem resgatar.

São sete os moiros que entraram,
Sete os estão a aguardar;
Não falam nem uns nem outros...
E prestes, a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar...
Juncos juntos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar;
Pelos montes trote largo,
Por vales a desfilar.

Nos ribeiros — peito n'água,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos valados
Up! salto — e a galgar!

Vai o dia alvorecendo,
Estão à beira do mar.
Que rio é este tão fundo
Que nele vem desaguar?

A boca já tinha livre,
Mas não acerta a falar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

— «Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de mau navegar,
Dize-me, essas tuas águas
Aonde as foste buscar?

«Dir-te-ei a perola fina
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiros correm ao rio,
O rio corre a la mar,

«Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe fui roubar.»
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares, Gaia,
Mais formoso o hás-de achar.
— «Quantos barcos ali veem!»
— «Barcos que nos veem
buscar.»
— «Que lindo castelo aquele!»
— «É o do moiro Alboazar.»



Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pesar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cobiçar...!
Zahara, a flor de teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha, que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh!... que barcos são aqueles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E eles mansinho a remar...

Cozeram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros
Mal se podem divisar.

Um homem saltou em terra:
Onde irá naquele andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castelo
Vai um romeiro a cantar:

— «Santiago de Galiza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se há-de voltar.»

Na encosta do castelo
Uma fonte está a manar;
Donzela que está na fonte
Pôs-se o romeiro a escutar»

A donzela está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
— «Bendito sejas, romeiro,
E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros
É maravilha de azar,

Ouvir cantigas tão santas
Cantigas do meu criar.

«Sete padres as cantavam
À roda de um bento altar;
Outros sete respondiam
No coro do salmear,
Entre véspera e completas;
E os sinos a repicar.

«Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!
E as rezas destes moiros
Ao demo as quisera eu dar.»

— «Deus vos mantenha, donzela
E o vosso cortês falar:
Por estas terras de moiros
Quem tal soubera de achar!

«Por vossa tenção, donzela,
Uma reza hei-de rezar
Aqui ao-pé desta fonte,
Que não posso mais andar.

«Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sede de matar!
Que Deus vos salve, donzela,
Se aqui me deixais sentar.»

— «Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a água,
Tem virtude singular:

«Doutra não bebe a rainha
Que aqui ma manda buscar
Por manhãzinha bem cedo
Antes de o sol aquestar.»

— «Doce água deve de ser,
De virtude singular:
Dai-me vós uma vez dela
Que me quero consolar.»

— «Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.»

— «Dona Gaia que diria,
Que faria Alboazar

Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...»

— «Inda era noite fechada
Meu senhor foi a caçar:
Maus javardos o detenham,
Que é bem ruim de aturar!

«Minha senhora, coitada,
Essa não tem que falar:
Quem já teve fontes de oiro
Prata não sabe zelar.»

— «Pois um recado, donzela,
Agora lhe Heis-de levar;
Que o romeiro cristão
Lhe deseja de falar

«Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pesar,
Que à hora de sua morte
Este anel lhe quis mandar.»

Tirou o anel do dedo,
E na jarra o foi deitar:
— «Quando ela beber da água
No anel há-de atentar.»

Fora dali a donzela,
Ia morta por falar...
— «Anda cá, ó Peronella,
Criada de mau mandar,

«Tua ama morrendo à sede
E tu na fonte a folgar?»
— «Folgar não folguei, senhora,
Mas deixei-me adormentar,

«Que a moira vida que eu levo
Já não n'a posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai *Melhor* da beira-mar!

«Aquela sim que era vida,
Aquilo que era folgar!
E em santo temor de Deus,
Não aqui neste pecar!»

— «Cal'-te, cal'-te, Peronella,
Não me queiras atentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar.

«Mas já tenho perdoado
A quem lá me foi roubar,
Que antes escrava contente
Do que rainha a chorar.

«Forte cristandade aquela,
Bom era aquele reinar!
Viver só, deseparada,
Ver a moira em meu lugar!...»

Lembrava-lhe a sua ofensa,
Está-lhe o sangue a queimar...
Na água fria da fonte
A sede quis apagar.

A fonte de prata virgem
À boca foi a levar,
As ricas pedras do anel
No fundo viu a brilhar.

— «Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n'água
E ela fria de nevar!»

— «Senhora, co'esses feitiços
Me tomara eu embruxar!
Foi um bendito romeiro
Que à fonte fui encontrar,

«Que aí deitou esse anel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe
Com que muito Heis-de folgar.»

— «Venha já esse romeiro,
Que lhe quero já falar:
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.»

III



Por Deus vos digo, romeiro,
Que vos queirais levantar;
Minhas mãos não são relíquias,
Basta de tanto beijar!»

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar;
Os beijos uns sobre os outros
Que era um nunca acabar.

Ia a enfadar-se a rainha,
Ouviu-o a soluçar,
E as lágrimas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rolar:

— «Que tem o bom do romeiro
Que lhe dá tanto pesar?
Diga-me lá suas penas
Se lhas posso aliviar.»

— «Minhas penas não são
minhas,
Que aos mortos morre o penar:
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

«Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pesar!
Que uma rainha cristã

Feita moira vim achar...»

— «Romeiro não tomeis coita
Por quem se não quer coitar:
Do que fui já me não lembro,
O que sou não me é desar.

«Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o pecar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe há-de tomar.»

— «Pois não espereis, senhora,
Por Deus que pode tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandai-o já castigar.»

Em pé está Dom Ramiro,
Já não há que disfarçar:
Aquelas barbas tão brancas
Caíram de um empuxar;

O bordão e a esclavina

A terra foram parar:
Não há ver mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aqueles
Com que o ela está a mirar!
Quem passou já transes d'alma
Como ela está a passar?

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e veem
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem;
Da mulher, é seu manjar:
Assim perdoa ele e vive,
Ella não — que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que, entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triunfar
Num coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
Co'os seus no monte a caçar,
Ella só naquela torre...
Prudência e dissimular!

Abre a boca a um sorriso
Doce e triste — de matar!
Tempera a chama dos olhos,
Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquele incauto
Que — ou minta ou não, é fatal.
E, com o inferno no seio,
Fala o céu no seu falar.

Já os amargos queixumes
Se embrandecem no chorar,
E em sua própria justiça

Com arte finge afrouxar.

Protesta a boca a verdade:
«Que não há-de perdoar...»
Mas a verdade dos lábios
Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
Ali se estava a humilhar,
Súplica, roga, promete...
Ella parece hesitar.

Senão quando uma buzina
Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
O seu prazer disfarçar:

— «Escondei-vos, Dom Ramiro,
Que é chegado Alboazar;
Depressa, neste aposento...
Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu três voltas,
Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cota,
Que o rei moiro vinha a entrar.

— «Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pesar!
Primeira vez em três anos
Que me sucede este azar!...

«Toquei a minha buzina
Às portas, antes de entrar,
E não correste às ameias
Para me ver e saudar!

«Muito mal fizeste, amiga,
Em tão mal me costumar:
Não sei que fazes agora
Em me querer emendar...»

No coração da rainha
Batalha se estão a dar
Os mais estranhos afetos
Que nunca se hão-de encontrar:

O que foi, o que é agora,
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triunfar,
Que era em peito de mulher
Que a batalha se foi dar.

— «Novas tenho e grandes novas,
Amigo, para vos dar:
Tomai esta chave e abride,
Vereis se são de pesar.»

Com que ânsia ele abriu a porta,
Vista que foi encontrar!...
Palavras que ali disseram,
Não n'as saberei contar:

Que foi um bramir de ventos,
Um bater d'águas no mar,
Um confundir céu e terra,
Querer-se o mundo acabar...

Vereis por fim o rei moiro
Que sentença veio a dar:
— «Perdeste a honra, cristão:
Vida, quero-ta deixar.

«De uma vez que me roubaste
Muito bem me fiz pagar:
Desta basta-me a vergonha
Para de ti me vingar.»

Sentia-se El-Rei Ramiro
Do despeito devorar;
Com ar contrito e afligido
Assim lhe foi a falar:

— «Grandes foram meus pecados,
Poderoso Alboazar;
E tais que a mercê da vida
De ti não posso aceitar:

«Eu não vim a teu castelo
Senão só por me entregar,
Para receber a morte
Que tu me quiseres dar:

«Que assim me foi ordenado
Para minha alma salvar
Por um santo confessor
A quem me fui confessar.

«E mais me disse e mandou,
E assim to quero rogar,

Que, pois foi pública a ofensa,
Público seja o penar:

«Que aí nessa praça de armas
Tua gente faças juntar,
Aí diante de todos
A vida quero acabar

«Tangendo nesta buzina
Tangendo até rebentar;
Que digam os que isto virem,
E lhes fique de alembiar:

«Grande foi o seu pecado,
«No mundo andou a soar;
«Mas a sua penitência
«Mais alto som veio a dar.»

Quisera-lhe o bom do moiro
Por força ali perdoar:
Mas se a perra da rainha
Jurou de à morte o levar!...

Veio na praça do castelo,
Toda moirama a ajuntar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas léguas à roda
Reboava o buzinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou a beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

IV



«Santiago!... Cerra, cerra!
Santiago, e a matar!»
Abertas estão as portas
Da torre de par em par;

Nem atalhias nos muros
Nem roldas para as velar.
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leoneses
Já portas a dentro a entrar.
Deixa a buzina Ramiro,
Mão à espada foi lançar,

E, de um só golpe, fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até os peitos
Ao rei moiro Alboazar.

Já tudo é morto ou cativo,
Já o castelo está a queimar,
Às galés, com seu despojo,
Se foram logo embarcar.

— «Voga, rema! dalém Doiro
À pressa, à pressa a passar,
Que já oiço ali na praia

Cavalos a relinchar.

«Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular:
Voga, voga, que além Doiro
É terra nossa!... a remar!

«Daqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Tomar.
Voga, rema, e dalém Doiro!
Daquém não há que fiar.»

À popa vai Dom Ramiro
De sua galé real,
Leva a rainha à direita
Como quem a quer honrar:

Ella muda, os olhos baixos
Leva n'água... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desafrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem nisso a atentar:
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar de Alboazar:
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;

As lágrimas, uma e uma,
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ela as chorar.

Olhou El-Rei para Gaia,
Não se pôde mais calar:
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pesar

Do mau termo atraídoado
Que com ele fora usar
Quando o entregou ao moiro
Tão só para se vingar.

Com a voz enternecida
Assim lhe foi a falar:
— «Que tens, Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

«Que o feito é feito...» — «E bem feito!»

Tornou-lhe ela a soluçar,
Rompendo agora nuns prantos
Que parecia estalar:

«E bem feito, rei Ramiro!
Valente ação! de pasmar!
À lei de bom cavaleiro,
Para de um rei se contar!

«À falsa fé o mataste...
Quem a vida te quis dar!
À traição... que doutro modo
Não es homem para tal.

«Mataste o mais belo moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e cristãos
Nunca mais não terá par.

«Perguntas-me porque choro!...
Traidor rei, que hei-de eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu poder vim parar.

«Perguntaste-me o que miro!...
Traidor rei, que hei-de eu mirar?
As torres daquele alcaçar
Que ainda estão a fumegar:

«Se eu fui ali tão ditosa,
Se ali soube o que era amar,
Se ali me fica alma e vida...
Traidor rei, que hei-de eu mirar?»

— «Pois *mira, Gaia!*» E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
«*Mira, Gaia*, que esses olhos
Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fora empuxa o corpo...
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memória está a durar:
GAIA é o nome do castelo
Que ali Gaia fez queimar;

E dalém Doiro, essa praia

Onde o barco ia a aproar
Quando bradou «Mira, Gaia!»
O rei que a vai degolar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem — MIRAGAIA
Daquele fatal mirar.
